

**Folia de Reis: tradição oral, ritualização e simbologia sacra  
em Carmo do Rio Claro, MG**

Valderez Santos<sup>1</sup>  
Celso Ferrarezi Jr.<sup>2</sup>

**Resumo:** A linguagem é imprescindível à vida social humana. Por isso, as mais variadas formas de manifestação cultural se concretizam pelas diferentes linguagens e estão relacionadas à formação das identidades (coletivas ou não), fato que distingue e classifica um grupo étnico do outro individualizando-os. Entre as manifestações culturais com maior peso, encontram-se as de tradição oral, que se manifestam em vários âmbitos sociais, como o da religiosidade, uma tendência à crença em seres superiores aos quais grande parte da população mundial se liga fortemente. Manifestação dessa ligação é a sacralização ritualística e simbólica de elementos do cotidiano, como danças, canções e objetos. Parte dessa sacralização é representada pela Folia de Reis, ritual de bases cristãs que estudamos neste artigo, em sua versão mantida em Carmo do Rio Claro, MG. Para compreender tal ritual estudamos sua simbologia e elementos constituintes, revelando aspectos da fé local e demonstrando a importância de sua manutenção como elemento da identidade dos habitantes dessa cidade mineira interiorana.

**Palavras-chaves** – 1. Folia de Reis. 2. Tradições orais. 3. Ritualização. 4. Simbologia sacra.

### **Introdução**

Desde os primórdios, o homem tem a necessidade de se comunicar, de se relacionar e formar grupos agregados por interesses comuns. Na manutenção desses grupos, o homem se utiliza da linguagem em suas mais variadas formas. Porém, a mais primeva dessas formas é, sem dúvida a linguagem oral, o ponto de partida para as relações humanas se perpetuarem através do tempo até a contemporaneidade, linguagem esta carregada de

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Letras-Português pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Endereço eletrônico: valderez29@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador. Professor Titular de Semântica do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Endereço eletrônico: celso.ferrarezi@unifal-mg.edu.br

histórias e tradições. Devemos nos lembrar de que mesmo na chamada era da informação, ainda há uma quantidade expressiva de comunidades linguísticas humanas (cerca de 3 mil) cujas línguas não possuem uma forma escrita e que, portanto, mantêm suas culturas, saberes e religiosidade exclusivamente por meio de tradições orais e ritualísticas.

De acordo com Câmara Cascudo, entende-se por “tradição” a transmissão de saberes de um para o outro indivíduo ao longo das gerações, divulgando e perpetuando conhecimentos populares: “Entende-se por tradição, *traditio*, *tradere*, entregar, transmitir, passar adiante, o processo divulgativo do conhecimento popular ágrafo.” (CASCUDO, 2006)

Assim, em função da evidente importância dessa modalidade de linguagem para a formação e, até hoje, perpetuação das sociedades humanas, o presente artigo propõe-se a analisar as cantigas de Folia de Reis da cidade de Carmo do Rio Claro MG, cidade mineira interiorana e prevalentemente católica, as quais estão carregadas de simbologia sacra cujos sentidos funcionam como transmissores de saberes morais e éticos que se perpetuam pela citada tradição. Para se compreender a tradição dessa linguagem oral que perpetua na cidade e representa uma religiosidade cheia de significados para os moradores de tal comunidade, recorreremos à Semântica de Contextos e Cenários (FERRAREZI JR., 2010) e adotamos as considerações de Bourdier (2008) sobre a ritualização e a simbologia como formas de distinção severa entre os níveis de linguagem e de autoridade nos ambientes sociais humanos.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa que seguiu os padrões comuns à pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com seleção, leitura e análise de obras teóricas relacionadas ao tema estudado (de forma principal, FERRAREZI JR., 2010 e 2018; BOURDIEU, 2008; CASCUDO, 2002 e 2006), além de uma pesquisa documental que se resumiu à coleta das cantigas e rituais da Folia de Reis em Carmo do Rio Claro, seguida da interpretação da simbologia e da ritualística envolvidas nessa prática tradicional.

Para tanto, este artigo se divide em cinco tópicos sendo: 1. a Folia de Reis: origens e perpetuação na cidade da pesquisa; 2. características linguísticas dos cantos da Folia de Reis de Carmo do Rio Claro, MG; 3. ritualização: a transformação do profano em sagrado; 4. a simbologia sacra da Folia de Reis em Carmo do Rio Claro; e 5. conclusão.

## 1. A Folia de Reis: origens e perpetuação em Carmo do Rio Claro, MG

“A Folia de Reis” ou “Festa de Reis”, como é conhecida essa celebração religiosa, é uma festa popular de origem portuguesa que ainda sobrevive em algumas cidades brasileiras. Essa festa comemora o nascimento de Cristo. Seu enredo lembra a viagem que os três reis magos - Baltazar, Belchior e Gaspar - fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus.

A partir do Natal, durante 12 dias (até 6 de janeiro) o Alferes da Folia, chefe dos foliões, bate à porta das casas, de manhãzinha, seguido dos Palhaços do Reisado e de seus instrumentos barulhentos. Vai despertar quem está dormindo, pedir permissão para entrar, tomar café e recolher dinheiro para a Folia de Reis.

O Alferes oferece uma bandeira colorida, enfeitada com fitas e santinhos, enquanto, do lado de fora, os palhaços vão dançar ao som do violão, do pandeiro e do cavaquinho, recitando versos. Os palhaços, vestidos a caráter e cobertos por máscaras, representam os soldados do rei Herodes, em Jerusalém. Os foliões abrem alas com uma bandeira, que – diz a tradição - é abençoada e protege das más influências. Depois de 12 dias de jornada da Folia, o dinheiro arrecadado é gasto em comes e bebes para todos.

De acordo com Câmara Cascudo, em seu “Dicionário do Folclore Brasileiro”, a palavra Folia está definida como uma dança tradicionalmente Portuguesa, dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, com acompanhamento de cantos. Essa festa viria a se perpetuar no Brasil com características próprias da cultura brasileira. Assim, acerca-se de vários costumes e modos típicos de cada região:

*Folia: Era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos. No dicionário de Frei Domingos Vieira é sinônimo de baile. Fixou-se posteriormente, tomando características, épocas, modos típicos, diferenciadores. (CASCUDO, 2002, p.305).*

A “Companhia do Menino Jesus de Carmo do Rio Claro”, como forma de expressão cultural de carácter folclórico, iniciou-se nessa comunidade em meados do ano de 1929, a partir da vinda da família do Sr. José Domingues

Alves para nossa cidade, vinda da cidade vizinha de São José da Barra, distrito de Alpinópolis. Ao se estabelecer na comunidade de Carmo, essa família deu início à criação da Companhia. Originalmente, a Companhia de Reis saía no dia do Natal até a Festa de Reis no dia 06 de janeiro, percorrendo todas as casas e angariando fundos para a Vila Vicentina.

A formação original da Companhia do Menino Jesus em Carmo do Rio Claro era de oito integrantes: José Domingues Alves (Velho Simeão), José Baiano (viola de 7 cordas), João Domingues Alves (viola), Francisco “Chico” Monteiro dos Santos (violão), Antônio Bernardo (viola), Sinfrônio Baiano (cajado) e João Monteiro dos Santos (sanfona). Os reis, formados por um grupo de jovens: Salviano, Antônio Domingues Neves (Toquinho), Antônio Rodrigues Alves (Toinzinho Martins) e o recebedor de donativos, Geraldo Rodrigues Alves (Geraldo Martins).

Desde o ano de início, já citado, a Companhia vem se perpetuando em Carmo do Rio Claro sempre passando de geração a geração. Porém com a “modernidade” reinando absoluta nos dias atuais, a Companhia vem se enfraquecendo. Seus membros, hoje, são pessoas idosas e, infelizmente, poucos jovens se interessam pela tradição. A formação atual conta com doze membros e continua em atividade na cidade. Ainda se encontra dentro de seu propósito inicial: os encontros anuais no mês de dezembro até o dia seis de janeiro, data em que se comemora a festa de Reis. A Companhia também se faz presente em eventos fora de sua localidade, como encontros regionais de Folias de Reis e encontros folclóricos, entre outros.

Entretanto, há, na cidade de Carmo do Rio Claro, uma outra companhia chamada “Estrela Guia”, que data de uma época mais recente (o ano de 1983) chefiada pelo Sr. José Gonçalves de Souza (Zé Alvino), e que vem se fortalecendo ano após ano com a presença cada vez mais forte de jovens e adolescentes. Então, podemos nos perguntar por quais razões uma das companhias conta apenas com idosos e não tem atraído a atenção dos jovens, mas a outra os atrai e conta com muitos deles participando da Folia. Certamente, aspectos ligados à organização e à condução da Folia estão interferindo na perpetuação do ritual em uma delas, o que mostra que o problema não está apenas nos jovens e em seu suposto desinteresse pelas

tradições locais, mas também na forma como essas tradições são desenvolvidas.

A formação inicial da companhia Estrela Guia compunha-se de dez homens e hoje já conta com mais de quarenta participantes, entre eles homens, mulheres e crianças. Sua formação inicial se dava com os seguintes componentes: José Gonçalves de Souza (Zé Alvino) que é o capitão da companhia, Nanico, Tio Zé, João Morotó, Tiãozinho Padeiro, Alvino, Lucinho, Natalício, Tiãozinho Cabeça Branca, e Totonho Alaia.

## **2. Características linguísticas dos cantos da Folia**

Entre os cantos mais comuns da Folia em Carmo do Rio Claro, destacamos esses a seguir. Ao transcrevê-los, já vamos marcar (com um sublinhado), os símbolos que serão analisados adiante neste artigo:

### **Profecia**

*Muitos anos antes de Cristo  
Os profetas proferiram  
De uma virgem iria nascer  
Um grande rei salvador*

*Vai nascer pobre  
Num berço de capim  
Vai ser o único Rei  
Seu reinado não terá fim.*

*O primeiro profeta a prever  
José, profeta Oséias  
Embora de muita idade  
Mas muita sabedoria*

*Também foi previsto  
Pelo profeta Daniel  
O dia que nasceria o Rei  
la ter um sinal no céu*

*Sua vinda será anunciada por  
Anjos celestiais  
Nascera pobre  
No meio dos animais*

*Foi previsto pelo  
profeta Jeremias  
Vai nascer de uma virgem,  
Por nome de Maria*

*Um anjo vai anunciar a vinda  
De Jesus,  
para cumprir a profecia  
Uma virgem dará a luz*

*Finalmente neste mundo  
Chegou o dia marcado  
A vinda de Jesus  
Por um anjo anunciado*

*Será visitado  
por reis estrangeiros  
Mas somente  
Ele é o rei verdadeiro.*

*Terá muitas visitas de muita gente  
Rico, pobre, preto, branco  
Todos de raça diferente*

*O profeta Malaquias  
deixou profetizado  
Que Jesus ia ser perseguido,  
preso e condenado.*

### **Saudação ao Menino Jesus (chegada)**

*Na noite em que nasceu Jesus Cristo em Belém, nasceu para irmandade, para o nosso bem, na glória de Jesus os anjos disseram Amém.*

*Quando deu a meia noite, o mundo inteiro aplaudiu, o nascimento de Jesus a glória assistiu, os anjos gritaram “viva”, e as portas do céu abriu.*

*Um menino celestial lá no céu apareceu, com anjos celestiais louvando ao rei Judeu, dizendo que em Belém Jesus Cristo nasceu.*

*Uma voz maravilhosa que cantava pelo além, convidava todo mundo para ir até Belém, para ver menino Deus que a Virgem Maria tem:*

*“Vamos todos visitar, o filho do Criador, vamos levar nosso presentes com carinho e com amor, quem não tiver presente, leva um botão de flor.”*

*Ali havia uma fonte transbordada pela sede, e de nossos cardiais que hoje mesmo se reveja, quem não tiver flor leva um raminho verde.*

*Numa linda madrugada com aquela daquele dia, o vento soprava brando mostrando grande alegria, todos indo visitar Jesus, filho de Maria.*

*Este está na manjedoura, ao lado de seus pais, nasceu pobrezinho, numa simples estalagem, foi aquecido do frio com o calor dos animais.*

*Vinde Senhor Jesus, no tempo prometido, pelo poder do Espírito Santo, Ele foi concebido, no santo seio de Maria, onde foi bem recebido.*

*Nas portas azul do céu, se abriu nova cortina, a estrela da manhã um novo céu ilumina, no mundo um novo Rei, uma nova graça divina.*

*Se ouvia lá no céu os anjos do Senhor, cantavam alegremente anunciava os pastor, para que fossem visitar, Jesus, nosso Senhor.*

*Uma estrela reluzente, lá no céu resplandecia, convidava os Três Reis Santos para ver o Rei Messias, vós ficam na minha frente que eu serei a sua guia.*

*Os três Reis estavam dormindo e acordaram de repente, quando viram uma estrela no céu com brilho resplandecente, compreenderam que tinha nascido Jesus Cristo onipotente.*

*Levantaram na mesma hora, e puseram-se a caminho, procurando o Rei do Mundo, Jesus Cristo peregrino, que encontraram nessa hora enrolado num paninho.*

*Chegaram e ajoelharam, na frente da majestade, ali estava o rei do mundo, Jesus Cristo de bondade, São José e Nossa Senhora, com toda felicidade.*

*Adoraram o Rei do Mundo, o filho da Virgem Maria, ali havia os seus tesouros que com eles traziam, mirra, incenso e ouro, ao menino ofereciam.*

*Em seguida se levantaram mostrando grande alegria, cumprimentaram os festeiros, São José e Virgem Maria, o menino alegremente, sobre as palhas ali sorria.*

*Saudai a Terra Sagrada, saudai a Lapa de Belém, Saudai a Virgem Maria e a São José também, vamos dar um viva a Menino Deus que nasceu para nosso bem.*

**Saudação ao cruzeiro de flores**

*Na chegada essa casa, seu terreiro enflorou, caíram lindas flores que Jesus ofereceu.*

*Oh Deus salve cruz sagrada, oh Deus salve cruz bendita, aqui na terra ela foi feita, lá no céu está escrita.*

*Lá do céu desceu uma estrela com seu lindo resplendor, ao patrão peço licença pra desmanchar esse cruzeiro de flor.*

*Já desmanchei esse cruzeiro com amor de devoção, ao patrão peço licença pra pegar a oferta do Pai Bastião.*

*Rei Gaspar e Baltazar, Belchior em companhia, veio andando do Oriente pra cumprir a profecia, procurar menino Deus, filho da Virgem Maria.*

*Os Três Reis vieram a pé, cansados, do Oriente, cada um pela viagem veio trazendo um presente, pra ofertar ao menino Deus, Jesus Cristo onipotente.*

*Já peguei a minha oferta, agora vou me levantar, ao patrão peço licença, pra minha companhia cantar.*

### **Cantoria para refeição**

*Santos Reis aqui chegou, nessa hora de alegria  
Veio saudar o dono da casa e também sua família.*

*Santos Reis veio viajando, viajando sem parar  
Aqui nessa morada parou pra descansar.*

*Recebeu nossa bandeira, com amor e devoção  
Vou pedir aos Três Reis Santos pra te dar a proteção.*

*Santos Reis veio no caminho, ele veio a toda pressa  
Veio parar na sua casa pra cumprir uma promessa.*

*Santos Reis chegou aqui, cantando de alegria  
Vou pedir um alimento pra tratar da companhia.*

### **Verso do Bastião para refeição**

*Santos Reis aqui chegou, nessa hora verdadeira. Viva o dono da casa segurando a bandeira.*

*Viva o céu, viva a terra, viva lapa de Belém. Viva o dono da casa e sua família também.*

Viva São José, Santa Maria e o Santíssimo Sacramento.  
Vos peço um agasalho, pra bandeira e os instrumentos.

### **Saudação ao menino Jesus (presépio)**

Muitos anos antes de Cristo, um profeta anunciou  
que de um Profeta ia nascer, um grande rei, um Salvador.

Completando aquele tempo, um sinal apareceu,  
De uma Divina luz, do céu um anjo desceu.

Desceu na Galileia onde estava a Virgem Maria,  
Coberta com seu manto, e pra ela assim dizia:

Óh Maria concebida, iluminada de esplendor,  
Vai dar a luz a um menino para ser o salvador.

Maria muito assustada, na hora se perturbou,  
Pois era virgem e não podia ser a mãe do Criador.

### **Saudação ao menino Jesus (música)**

Louvado seja meu Deus, encontrei quem eu queria.  
Encontrei menino Deus Filho da virgem Maria.

Na presença do Menino, os três reis ajoelhou  
A mirra, o incenso e ouro ao menino ofertou.

Os três reis se levantaram cantando de alegria  
Visitaram Deus menino que nasceu pra nosso guia.

Os três reis “trouxe” presente, pro menino ofertar  
“Nóis” não tem nenhum presente, aos seus venho adorar.

### **Agradecendo a refeição**

Meu senhor dono da casa, nessa hora verdadeira. Nós  
“queremo” agradecer faça o favor da bandeira.

Que valei Nossa Senhora, minha Santa Gabriela. Traga  
lá nossa bandeira, não “podemo” andar sem ela.

Agradeço o bom almoço, que vós deu pra companhia.  
Nunca falte em sua casa, o seu pão de cada dia.

Agradeço os vossos filhos, muito bem agradecido. O que  
pedir pra Santos Reis, há de ser bem atendido.

*Agradeço as “cozinheira”, agradeço separado. O que faz pra companhia, Santos Reis lhe dá dobrado.*

*Pra cumprir sua promessa, ponho meu joelho no chão. Vou pedir aos Três Reis Santos pra te dar a proteção.*

*Agradeço o senhor, por tudo que vós nos fez. Fica a benção de Maria e do Divino Santos Reis.*

*A promessa tá cumprida, eu já vou me levantar. Vou pedir aos Três Reis Santos, pra ele te abençoar.*

*Também quero agradecer, sua fina educação. Se nós “erramo” em alguma coisa, por favor peço perdão.*

*Agora nós “vamo” embora, vai cumprir nossa missão. Aqui fica nosso abraço, também um aperto de mão.*

*A bandeira vai embora, Santos Reis vai ficar. Dentro da sua morada, Santos Reis vai morar.*

Como podemos perceber, a linguagem do cancioneiro da Folia é marcada por simplicidade típica de cidades interioranas porém, é muito poética, carregada de sentimentos e fé.

Mesmo com uma linguagem simples, o cancioneiro da folia de reis tem ritmo de poesia e certas inversões sintáticas que a caracterizam, isso tudo no intuito de criar uma musicalidade muito marcada que se agrega à melodia dos instrumentos populares usados na Folia e cria uma interação do texto e da música em uníssono produto:

*Nóis” não tem nenhum presente, aos seus venho adorar.*

*Nós “queremo” agradecer, faça o favor da bandeira.*

*Que valei Nossa Senhora, minha Santa Gabriela. Traga lá nossa bandeira, não “podemo” andar sem ela.*

Há, aqui, o uso popular da língua mostrando-nos que são pessoas que se utilizam de uma linguagem fora dos padrões da variante de prestígio, mas que é perfeitamente compreendida por quem ouve. São versos simples e ao

mesmo tempo técnicos, com uma sonoridade ritmada dando movimento às palavras deixando o verso sonoro, se encaixando como um quebra-cabeças.

Porém esse uso popularesco não é contínuo: há variações em que se utiliza da variante de prestígio, o que se explica pela idade dos versos, sua origem portuguesa e a manutenção dessa tradição secular. Por isso mesmo, também, se percebe a utilização de palavras que caíram em desuso, como a segunda pessoa do plural (vós), em alguns versos, dando uma certa rebuscada e elegância a eles, mesmo que estejam associadas a concordâncias populares e usos cotidianos da língua interiorana:

*Agradeço o bom almoço, que vós deu pra companhia. Nunca falte em sua casa, o seu pão de cada dia.*

Aliás, a utilização da concordância popular, que acontece de acordo com a necessidade da rima, ora não aparece para que a sonoridade seja completa e ora está na variante de prestígio, pois que em alguns versos ela se faz necessária. Isso se dá para que seu término seja harmonioso e de efeito:

*Os três Reis estavam dormindo e acordaram de repente, quando viram uma estrela no céu com brilho resplandecente, compreenderam que tinha nascido Jesus Cristo onipotente.*

*Saudai a Terra Sagrada, saudai a Lapa de Belém, saudai a Virgem Maria e a São José também, vamos dar um viva a Menino Deus que nasceu para nosso bem.*

As citações bíblicas são comuns criando profunda intertextualidade com o Cânon Sagrado. Da mesma forma, as personagens que na Bíblia se apresentam são constantemente citadas nas canções mantendo uma intertextualidade importante para a compreensão da simbologia da Folia.

Essa intertextualidade entre os textos bíblicos e as canções populares da Folia nos mostram que os foliões-autores tinham (têm) conhecimento bíblico e articulam muito bem as palavras. Isso constrói as canções tecnicamente, com rimas simples, mas impondo um bonito movimento melódico à fraseologia das cantigas pela utilização dos nomes das

personagens bíblicas e agregando às canções passagens citadas nos textos sagrados, enriquecendo a dimensão informacional e histórica das cantigas.

*Rei Gaspar e Baltazar, Belchior em companhia, veio  
andando do Oriente pra cumprir a profecia, procurar menino  
Deus, filho da Virgem Maria.*

*Muitos anos antes de Cristo, um profeta (Isaías) anunciou  
que de um Profeta (Jesus) ia nascer, um grande rei, um  
Salvador (inserções nossas)*

Há de se perceber, igualmente, o conhecimento da história Cristã da qual os foliões se apoderam para compor as canções, demonstrando uma fé inabalável que atravessa os séculos. Nestes dois últimos versos citados, por exemplo, a palavra “profeta” é utilizada com dois referentes distintos na mesma frase: uma vez com letra minúscula, referindo-se a Isaías e outra com maiúscula, referindo-se a Jesus. Além da questão religiosa da grandeza profética de Isaías e do Filho de Deus, essa construção denota capacidade poética e construtiva por parte dos foliões-autores.

### **3. Ritualização: a transformação do profano em sagrado;**

Há muito, se tenta buscar explicações para os fenômenos que nos cercam e que são, por muitos, considerados de origem sobrenatural. A fé é um desses fenômenos que o ser humano tenta desvendar. Porém se por um lado não se pode explicar a fé, por outro, tenta-se contestá-la, colocá-la à prova científica e, até, refutá-la. A despeito disso, as sociedades humanas presenciam uma ampliação significativa do número de igrejas em todo o mundo e a manutenção de ritualísticas relacionadas à fé, mesmo que sejam ritualísticas seculares que, em vez de perder força, têm ganhado expressão nos meios sociais. Este é exatamente o caso de rituais como a Folia de Reis.

Esta pesquisa, como anunciado em sua introdução, se dispõe a se aproximar dessa fé representada pela Folia de Reis para entender o pensamento que ela revela sobre as questões religiosas que permeiam a comunidade católica de Carmo do Rio Claro e entender como esse ato de fé

tem se mantido por anos por meio de diversas gerações sucessivas de foliões que se dedicam à continuidade desse ritual.

Para isso, precisamos, primeiramente, compreender o que é uma ritualização. Nos termos que aqui adotamos (cf. Bourdieu, 2008), ritualização é o ato de ritualizar. Ritual por sua vez é o conjunto de práticas consagradas por tradições, costumes ou normas, que devem ser observadas de forma invariável em determinadas cerimônias, de forma a transformar o comum em sagrado. Assim, todo ritual constitui-se de uma cerimonialização do cotidiano através da qual se atribuem virtudes ou poderes inerentes à maneira de agir, aos gestos, às fórmulas e aos símbolos usados (na maioria das vezes, objetos comuns do cotidiano como uma bebida, uma bolacha, uma bandeira, uma faca etc.), suscetíveis de produzirem determinados efeitos ou resultados semióticos concernentes à fé abrangida pela ritualização. Por isso, a ritualização é um processo continuado de atividades organizadas cuja prática está relacionada a cultos, doutrinas, instituições e religiões, encontrados não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais.

De acordo com Bourdieu a eficácia de um ritual se dá somente mediante o reconhecimento do valor simbólico dos elementos constituintes o ritual em questão, valor simbólico este que se relaciona: 1. à autoridade de quem o institui; 2. à aceitação tácita dos elementos básicos do ritual e; 3. ao reconhecimento do ritual como proveitoso a algum aspecto da organização social.

No caso de rituais religiosos, o que nos mostra sua legitimidade é representação fidedigna dos dogmas funcionais da fé dos fiéis. Assim, não basta que haja uma teatralização eficaz desse ritual,; é preciso que haja espaço social dedicado a esse ritual de forma que sua simbologia faça sentido e seja compreendida pela população envolvida, atingindo assim seu intuito. Como diz Bourdieu:

*A atenção exclusiva às condições formais da eficácia do ritual pode fazer esquecer que as condições rituais a serem preenchidas para o funcionamento do ritual e para que o sacramento seja ao mesmo tempo válido e eficaz somente serão suficientes se também incluírem as condições que produzem o reconhecimento deste ritual. (2008, p. 91).*

Ainda sobre a compreensão do processo de ritualização, Ferrarezi Jr. (2010) elucida que:

*“O sentido... depende de um complexo conjunto de noções, incluídos os conhecimentos cotidianos sobre o mundo e as percepções pessoais de quem está tentando compreender esse sentido.” (2010, p.119).*

Desta forma, amparados nesses conceitos, entende-se que o ritual não somente se dá como um ato de representação cultural, mas como um conjunto complexo de ideias em que se reúnem a teatralização da fé e na junção de muitos elementos como a linguagem e o conhecimento de mundo, para que haja uma significação para os fiéis que professam essa fé, pois que sem a percepção do conjunto como um todo o ritual perde sua essência e sua eficácia histórica, religiosa e identitária.

#### **4. Simbologia sacra da Folia de Reis em Carmo do Rio Claro**

O ritual da Folia de reis se dá de forma simples, mas muito importante para os foliões que depositam fé nas divindades e personagens que louvam durante o rito.

Todo dia 25 dezembro, os componentes da companhia se vestem de trajes uniformes em sua maioria, enfeitam seus chapéus com fitas coloridas e saem às ruas cantando e tocando à procura do menino Jesus. Armam-se com seus instrumentos musicais e bandeiras coloridas com as imagens dos três reis magos igualmente enfeitadas de fitas coloridas. Há uma figura (ou mais de uma) que se veste de palhaço com o intuito de se disfarçar: é este a representação de um soldado romano, mandado por Herodes, para achar e assassinar o menino Jesus.

A companhia adentra as casas que a recebem e ali cantam a chegada e dizem versos de acordo com o que se encontra na casa. Se, por acaso, na casa, há um casal de idosos, os versos serão para eles, versos que o

abençoarão. Se, por acaso, na casa há uma mulher grávida ou crianças, os versos se modificam.

Existem várias maneiras de se louvar durante o ritual da Folia de Reis. A bandeira que representa os três Reis Magos é levada pelo dono da casa a vários cômodos abençoando o local. Se essa mesma bandeira volta para o capitão com algum adorno diferente, faz-se outro verso em agradecimento. Se o morador faz na entrada da casa uma cruz de flores (muito comum) outro verso é falado, pedindo a autorização do morador para se desfazer a cruz e recolher a oferta que se encontra debaixo do crucifixo feito de flores.

Depois dos versos cantados com música e também versos apenas falados, esses agradecem e se retiram do local voltando a andar pelas ruas cantando e dançando.

Essa prática se estende até o dia 06 de janeiro, data que simboliza o encontro dos três Reis Magos com o menino Jesus. Nesse dia, o Bastião, soldado disfarçado de palhaço, ao se deparar com a figura do menino Jesus se arrepende e se prostra aos seus pés, não matando o menino, desobedecendo as ordens que havia recebido. Então todos cantam felizes e louvam o nascimento do menino Deus, filho da Virgem Maria.

A partir daqui, começaremos a analisar a simbologia contida no cancionário da Folia (a mesma simbologia que sublinhamos ao transcrever os textos das canções no subtítulo 2) para mostrar como os símbolos e a ritualização dessa prática religiosa retomam um fato histórico como prototípi atual para os lares cristãos. Eis os símbolos que selecionamos nas canções e seus significados no ritual:

- “Num berço de capim” – é o local de nascimento de Cristo; denota pobreza e simplicidade. Aqui, simboliza o coração dos humildes que recebem a Folia em sua casa. Tem relação intertextual com a passagem bíblica de São Marcos, que diz:

*S. MARCOS 07: 6 - E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu coração está longe de mim;*

- “Será visitado por reis estrangeiros” – os reis estrangeiros são os Foliões. Eles são estrangeiros porque não pertencem à família, à casa

visitada. Importante notar que isso faz parte da “profecia” que é citada na canção. Assim, a chegada da Folia ao lar que a acolhe é um movimento profético em que os reis trazem transformação.

- “Terá muitas visitas de muita gente - rico, pobre, preto, branco” – as “muitas gentes” simbolizam todos os agregados da Folia: os amigos da família, os curiosos, aqueles que assistem de longe, enfim, todos aqueles que se dispõem a participar do ritual. A citação simboliza o fato de que todos são bem-vindos e se relaciona com a parábola da grande festa, presente no livro de São Lucas:

*S. LUCAS 14: 23 E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.*

- “Nasceu para irmandade” – a irmandade é o corpo da igreja, no caso, a Igreja Católica Romana. Ao cantar “nasceu para a irmandade”, o Folia faz separação entre o corpo da igreja e os ímpios, representados pelo palhaço (soldado de Herodes), que é caracterizado justamente como palhaço para representar sua condição de derrota dentro do ritual. Ao sinalizar simbolicamente para uma irmandade e para os ímpios, a Folia provoca uma escolha entre Deus e o Diabo, entre o bem e o mal, que se estabelecerá ao longo do ritual. Essa referência à irmandade estabelece uma relação intertextual com a própria ordem do Cristo:

*MARCOS 07: 27 - Mas Jesus disse-lhe: Deixa primeiro saciar os filhos; porque não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.*

- “Vamos todos visitar, o filho do Criador” – Jesus não está na casa, ao anunciar a presença dEle na casa, a Folia transforma a casa de quem a recebe na “lapa de Belém” a gruta onde se presume que Jesus tenha nascido. Por isso se canta: “Saudai a Terra Sagrada, saudai a Lapa de Belém”, porque a ritualização da Folia transforma simbolicamente a casa de quem a recebe na gruta sagrada. É por isso que se pode cantar: “e

encontrei quem eu queria, Encontrei menino Deus Filho da virgem Maria” e “Visitaram Deus menino”. Essa simbologia tem profunda relação intertextual com a passagens bíblicas que dizem:

*MATEUS 18: 20 - Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.*

e

APOCALIPSE 03: 20 - Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

- “botão de flor” – o botão de flor é uma referência direta à Rosa de Sarom, forma simbólica de representação de Jesus no livro dos Cânticos do Rei Salomão (CÂNTICOS 02:1 - “Eu sou a Rosa de Sarom, o Lírio dos Vales.”). A presença do botão de flor na casa consagra ali a presença de Cristo. Por isso, o cruzeiro de flor e a cruz sagrada estão também presentes: a “cruz sagrada” do martírio vencido que agora é “cruzeiro de flor” na morada hospitaleira que recebe a Folia. A grande transformação profetizada se cumpriu (como dizem os versos: tudo para “cumprir a profecia” e “cumprir uma promessa”). A casa simples é o local de nascimento do Cristo que habita a manjedoura do coração dos homens simples. O Menino Deus, a Rosa de Sarom, nasceu simbolicamente, naquela hora, ali naquele lar, transformado em Lapa de Belém pela presença dos Reis Magos.
- “Uma estrela reluzente, lá no céu resplandecia, convidava os Três Reis Santos” – assim como narrado na história bíblica, que pode ser vista em

MATEUS 02: 2 Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.

- O que atrai os Reis Magos à gruta do nascimento de Jesus é a estrela de Belém. No caso da Folia, o que atrai os Reis Magos é o convite que é feito pela família, o portão aberto e os preparativos para a cerimônia ritualística. Assim, ao fazer o convite para que a Folia seja realizada em uma casa, a família anfitriã se põe no lugar da “Estrela Guia” que atrai

os anjos celestes ao lugar. Esses anjos cantarão no nascimento do Cristo e, como diz o verso da Folia “anjos do Senhor, cantavam”. Esses anjos são os componentes da Folia além do “Pai Bastião” que, como “bastião” é o guardador da bandeira e da tradição e dos reis em si, que representam os reis do relato bíblico. Por isso a Folia não pode ser formada apenas pelo Pai Bastião e pelos Reis, mas necessita de mais pessoas que componham o coro de anjos que confirmam que o lugar (a casa anfitriã) é mesmo o local do nascimento de Jesus naquela noite.

- “Nossa bandeira” - uma vez estabelecida da casa anfitriã como sendo a Lapa de Belém e iniciada a cantoria dos anjos, é hora de fincar a bandeira do Cristo como estabelece a ordem do profeta Isaías:

ISAÍAS 62: 10 -Passai, passai pelas portas; preparai o caminho ao povo; aplainai, aplainai a estrada, limpai-a das pedras; arvorai a bandeira aos povos.

Como símbolo clássico de poder e posse, a bandeira levada pelo pai guardador (o Pai Bastião) indica que aquela casa, doravante, é propriedade de Deus. É a bandeira que demonstra simbolicamente a territorialização da Folia. Dali para a frente até o final do ritual, aquele lugar passa a ser sagrado, nos mesmos termos em que Deus estabeleceu o lugar sagrado de sua presença para o profeta Moisés:

*ÊXODO 03: 5 - E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.*

e

*ZACARIAS 02: 12 - Então o SENHOR herdará a Judá como sua porção na terra santa, e ainda escolherá a Jerusalém.*

- “os seus tesouros que com eles traziam” – Finalmente, é chegada a hora da oferenda. O que os reis oferecem. A história bíblica conta que os reis Magos levaram ouro, incenso e mirra ao Menino Jesus. Eram presentes caros e é consenso entre os historiadores bíblicos que esses presentes serviram para a manutenção da Sagrada Família no Exílio de quatro

anos no Egito até a morte de Herodes. Porém, os reis da Folia confessam: “Nóis” não tem nenhum presente, aos seus venho adorar.”. Portanto, na simbologia da Folia, os Reis não trazem presentes *materiais*, mas presentes *espirituais*. Esses presentes são assim descritos nas canções: “Três Reis Santos pra te dar a proteção”, “O que pedir pra Santos Reis, há de ser bem atendido”, “Santos Reis lhe dá dobrado”. Trata-se, portanto, de proteção espiritual, de prosperidade espiritual e material que decorrem do fato de a Folia ter sido convidada e acolhida. Exatamente como anuncia a Bíblia:

DEUTERONÔMIO 05: 10 - E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.

e

PROVÉRBIOS 08: 17 - Eu amo aos que me amam, e os que cedo me buscarem, me acharão.

e 21 Para que faça herdar bens permanentes aos que me amam, e eu encha os seus tesouros.

Por isso, a Folia é uma cerimônia de reciprocidade cristã. A família acolhe os Reis e os Reis protegem a família, a família alimenta os Reis e eles abençoam a família com prosperidade, a família ama os Reis e isso estende o amor de Deus sobre a família.

- “A promessa tá cumprida”, “A bandeira vai embora, Santos Reis vai ficar. Dentro da sua morada, Santos Reis vai morar” – finalmente, terminado o ritual, é proclamado que a promessa do renascimento do Cristo no coração dos homens está cumprida e que a “terra santa da Lapa de Belém” precisa ser transferida para outro lugar, no caso, outra residência da cidade, de outra família que convidou a Folia. Mas, há uma importante proclamação de que as bênçãos trazidas pelos reis permanecerá por todo o ano até a próxima realização do ritual. Retomando uma passagem bíblica já citada, a promessa do próprio Cristo ali se cumpre nesses termos:

APOCALIPSE 03: 20 - Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

Como podemos ver, a Folia de Reis tem uma profunda simbologia cristã que estabelece uma coerente e fortíssima intertextualidade com o texto bíblico. Não se trata de uma cerimônia de menor valor ou sem sentido. Ao contrário, é lindamente ornada com símbolos e procedimentos rituais que falam profundamente ao coração católico romano.

## **Conclusão**

A Folia de Reis, tendo como base o cristianismo, é representada em Carmo do Rio Claro como um símbolo de fé e durante anos é este ritual praticado por pessoas que professam e propagam sua fé, consagrando-se como uma tradição local. A sacralização e simbolização de coisas do cotidiano baseadas na Bíblia Sagrada nos mostra que a fé e a cultura bíblicas, representadas aqui pela Folia de Reis, estão presentes em todas as classes sociais, onde uma história se repete levando alento e esperança a todos que compartilham dessa fé.

A presença e perpetuação da Folia de Reis em Carmo do Rio Claro, cidade típica do interior mineiro cuja a fé predominante é a católica, nos mostra elementos carregados de simbologia sacra cujos sentidos funcionam como transmissores de saberes morais e éticos que se perpetuam pela citada tradição.

A linguagem utilizada nas cantigas varia desde a mais coloquial, comumente utilizada pela população local à mais rebuscada, numa melhor vida por vir.. Há de se compreender e considerar a riqueza de tais versos e a concretização da fé dessas pessoas representada por um ritual que se estende na comunidade a mais de trinta anos, sendo passado de geração a geração, mantendo viva a fé cristã como uma base de sustentação de toda uma sociedade, que crê e profetiza essa crença como um alicerce sagrado, que direciona e ampara grande parte dessa sociedade que se utiliza desses conhecimentos como um leme que guia suas vidas à “salvação”.

## Referências

- ALMEIDA, Renato. *A inteligência do folclore*. Brasília: CEA & MEC, 1974.
- BÍBLIA SAGRADA. (tradução para o português de João Ferreira de Almeida). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FERRAREZI Jr., C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.
- MONTENEGRO, A. Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BURKE, Peter. *História Social da Linguagem*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1996.
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/ritualizaçã>, acesso em 21 de setembro de 2019, às 17:27.